

## AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O COTIDIANO ESCOLAR DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA NO PERÍODO DE 1951 - 1972

Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos Anjos\*

**RESUMO:** *Com este artigo pretendo analisar as práticas pedagógicas trazidas para Aracaju por missionárias norte-americanas e aplicadas no Colégio Americano Batista. Para cumprir esses objetivos, recorro à pesquisa bibliográfica, busco subsídios nas fontes primárias e secundárias. Lanço mão de depoimentos de ex-diretor, funcionário e professores aposentados. As missionárias norte-americanas gostavam muito do folclore brasileiro, também que a escola estivesse sempre festiva comemorando datas especiais. Existia muita rigidez nas práticas disciplinares, no entanto sua resolução se dava através do diálogo com os alunos e seus pais. O Instituto Pan Americano começou a funcionar em uma casa. Porém não demorou muito, e os missionários construíram um prédio de acordo com o ideário americano, com uma arquitetura majestosa. Percebe-se até o momento a preocupação das missionárias em proporcionar aos alunos uma formação baseada em valores morais sólidos, preparando-os para a vida futura. Um outro aspecto evidenciado na cultura escolar deste estabelecimento foi a organização de um calendário intenso de festas em comemoração a datas cívicas e outras data especiais.*

**Palavras-chave:** Cultura escolar; Práticas pedagógicas; História da educação

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe investigar as práticas educativas desenvolvidas pelas missionárias batistas norte-americanas materializadas inicialmente no Instituto Pan Americano, a partir do ano de sua fundação, em 15 de novembro de 1951, oferecendo o pré-primário e primário. Em outubro de 1961, ele passou a ser denominado Educandário Americano Batista, recebendo sede própria. Em 1983, ele começou a oferecer o ensino médio, mudando novamente de sede no ano seguinte, sendo denominado Colégio Americano Batista.

Pela inexistência de estudos sobre a atuação dos batistas na educação em Sergipe e a organização de sua mais importante instituição escolar, o Colégio Americano Batista, trazendo um novo modelo educacional norte-americano para o Estado, é que esta pesquisa se faz importante para a História da Educação, como também verificar se houve alguma relação entre o período de fechamento da primeira escola protestante em Sergipe, a Escola Americana, em 1913, até a abertura dessa instituição batista, com as intervenções feitas por D. José Gomes da Silva, bispo da Diocese de Aracaju entre 1911 a 1948, ano de sua morte.

Conforme o Pr. Waldemar Quirino dos Santos, o Colégio Americano Batista sempre procurou atender não só os filhos dos evangélicos, como as pessoas da comunidade que não tinham condições de pagar as mensalidades, oferecendo bolsa integral.

Durante sua trajetória, o Colégio Americano Batista foi renomeado diversas vezes por conta de determinação da legislação ou das reformas promovidas em nível estadual e federal. No ato de sua fundação, no dia 15 de novembro de 1951, recebeu o nome de Instituto Pan Americano, em 1953, tendo como diretora a missionária batista norte-americana Winona Purvis Treadwell, recebeu um novo nome, desta vez, Educandário Americano Batista. Com o crescimento da instituição e a demanda, o Conselho Estadual de Educação resolveu autorizar o

---

\* Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [mlprta@ig.com.br](mailto:mlprta@ig.com.br). Orientadora: Professora Doutora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas.

funcionamento do ensino da 5ª à 8ª séries, passando a ser chamado Escola de 1º Grau Batista Sergipana. Com a necessidade de ampliar seus cursos, desta vez o ensino médio, em 1993, a escola mudou o nome definitivamente para Colégio Americano Batista.

Atualmente, a História da Educação tem se voltado com um novo olhar para os estudos de cultura escolar. Para cumprir estes objetivos, recorro à pesquisa bibliográfica e documental, buscando subsídios nas fontes primárias e secundárias. Lanço mão de depoimentos de ex-diretor, funcionário e professores aposentados. Os missionários norte americanos, que assumiram a direção do estabelecimento de ensino em 1951, gostavam muito do folclore brasileiro.

Um outro aspecto evidenciado na cultura escolar desta instituição foi a organização de um calendário intenso de festas e comemoração de datas cívicas e outras datas especiais.

O Instituto Pan-Americano começou a funcionar em uma casa, porém não demorou muito, e as missionárias construíram um prédio de acordo com o ideário americano, com uma arquitetura majestosa, inaugurado em outubro de 1961. Percebe-se até o momento a preocupação das missionárias em proporcionar aos alunos uma formação baseada em valores morais sólidos, preparando-os para a vida.

Utilizo como categorias de análise cultura escolar a partir das definições de Dominique Julia, representação de Chartier e arquitetura escolar de Frago.

Até o momento, percebe-se que as práticas pedagógicas utilizadas pelos missionários em Aracaju foram consideradas modernas para a época e mais convidativas para a permanência do aluno na escola.

Ao passar do tempo, pesquisas têm demonstrado que existe uma preocupação por parte dos educadores sobre as práticas pedagógicas. Através dessas investigações que estão sendo realizadas, percebe-se que está existindo uma necessidade generalizada por parte de estudiosos de penetrar no “interior” da vida escolar com um novo olhar, com novos enfoques que venham redirecionar visões cristalizadas, despertar outros para a realização de novos estudos da *História da Educação no Brasil*.

## A ESCOLA

Passeando por dentro da escola, compreende-se melhor o seu dia-a-dia e como funciona a cultura escolar, conforme Julia,

Um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e *práticas* coordenadas a finalidades que podem variar segundo às épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização. (JULIA, 2001, p. 10)

Neste estudo, procurou-se verificar, através de documentos e depoimentos, como estava organizado o Instituto Pan-Americano, em suas atividades de ensino, nas práticas festivas e na aplicação das normas disciplinares. Os aspectos envolvendo a arquitetura escolar também foram abordados.

Entende-se que só é possível investigar o processo de formação proposto pelas missionárias batistas, que implantaram o colégio, analisando detalhadamente os dispositivos pedagógicos como; métodos de ensino, festas, arquitetura, disciplina, currículo, prática, as normas, o ensino da leitura etc.

## AS FESTAS

O dia de festa representa premiações para alunos e professoras que se destacam nas suas atividades intelectuais. Todos os preparativos acontecem com muita antecedência. O diretor fica orgulhoso. Ouvem-se gritos e saltos por todos os lados, pátio limpo, enfeitado, aulas suspensas, e a presença de pais, amigos, convidados, fotógrafos, autoridades, jornalistas, políticos e figuras da instrução pública. Há flores por toda parte, a alegria está estampada no rosto de todos, emoções à flor da pele, e tudo que foi aprendido será apresentado para o deleite de toda a comunidade presente e um convite para novos alunos. O ambiente escolar atraente predisponha as crianças para desejar ingressar na escola como afirma o garoto Sérgio do Atheneu. Eram organizadas pelas diretoras norte-americanas e professoras brasileiras, constituíam-se algo extraordinário, e todos os alunos não se cansavam de participar. Assim diz Carlos Henrique dos Santos:

As festas que aconteciam aqui na escola era algo inovador. Eu já vi isso no folclore. Mas não aqui, lá para o Maranhão. A festa das fitas era um mastro com as fitas e cada aluno pegava uma fita. Eram várias fitas, e eles diziam alguma coisa, ou cantavam alguma coisa e arroteavam iam trançando aquelas fitas e aquilo chamava muito atenção. (Carlos Henrique, 1955).

Com a divulgação da qualidade de ensino, o colégio muito aplicado, e as festas chamando atenção, não demorou muito, e a escola passou a ter fama, conforme se expressa Carlos Henrique:

As festas eram muito bonitas. E o Colégio muito aplicado sabe, tinha um quadro de professores muito bom, excelente e a escola começou a pegar fama, e as pessoas começaram a chegar, e os missionários norte-americanos sentiram necessidade de crescer e compraram um terreno ali, na esquina de Lagarto com Barão de Maruim e construíram um prédio fantástico”. Carlos Henrique, 1957).

A missionária norte-americana Maye Bell Taylor procurava reunir os professores para conversar. E nas reuniões de pais e mestres, repassava as decisões que foram tomadas no coletivo. E os pais faziam questão de participar ativamente das festas e de outras atividades. “E os pais tocavam acordeon, gaita, cantavam, faziam esquetes, dramatizações. As festas eram tão freqüentadas que os lugares do auditório se tornavam poucos, e era preciso providenciar carteiras” (Carlos Henrique, 1957).

## AS NORMAS

O debate sobre as normas e finalidades da escola não é recente. Ela tem permeado toda a História da Educação. O que se pretende com esses dispositivos é a preservação de um ambiente tranquilo, e que os objetivos pedagógicos predeterminados possam ser alcançados. No século XVI, houve a difusão de um texto que serviu de normas para os colégios europeus O *Ratio studiorum* jesuíta. Encontravam-se nesse documento as obrigações a serem cumpridas, o estudo de psicologia, o currículo das aulas e as funções de cada jesuíta. Essas práticas através do *Ratio* foram legitimadas nos colégios. Em relação à finalidade da escola, admite-se que ela não consegue resolver os problemas de êxito ou fracassos sozinha. Como também “*não é somente lugar de aprendizagem, de saberes mas é ao mesmo tempo, um lugar de inculcação de comportamentos e habitus que exige uma ciência de governo transcendendo e dirigindo,*

*segundo sua própria finalidade, tanto na formação cristã como as aprendizagens disciplinares* “ (POMPÉIA, 1971, p.22)

A escola conviveu algumas décadas com a presença dos castigos físicos que se apresentavam de maneiras variadas. A prática mais comum era o uso da palmatória, que se tornou um símbolo da escola tradicional. Lá estava ela pendurada na parede. Existia até a “festa da palmatória”. Ao mesmo tempo em que o elemento recebia honrarias, também servia de evasão por parte de muitos alunos insatisfeitos, conforme Corrêa: “O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada no portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, pendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca.” (JULIA, 2001, p.207).

A pedagogia moderna implantada aqui no Brasil pelos missionários norte-americanos e principalmente em Aracaju demonstrou uma forma de disciplinar diferente, das que eram utilizadas nas escolas tradicionais da época. Em entrevista com Helena Teles, professora do jardim de infância, que relata como se dava a forma de aplicar castigos aos alunos que apresentavam comportamentos difíceis. Dizia Teles: “Primeiro se mantinha um diálogo com as crianças, caso o mau comportamento continuasse, os pais eram chamados. Na sala de aula a maneira que se tinha para castigar era colocar o aluno em pé. E a professora dizia: você vai enfeitar a sala. Vai ser o jarro.” (Helena, 1960).

Essa era a prática que se tinha de disciplinar o aluno. No jardim de infância, não se usava régua para bater, nem a palmatória. E os pais tinham conhecimento dos castigos aplicados, segundo Santos: “Certa vez na reunião de pais e mestres, dona Maye Bell Taylor pediu permissão aos pais para dar umas palmadas nos meninos. E os pais, acharam muito engraçado. Porque tudo que o americano fazia era engraçado” (Carlos Henrique, 1957).

Mas no cotidiano, existiam problemas mais sérios que se vislumbram em qualquer escola. No Educandário também existiam questões de indisciplina:

“Tinha meninos que eram terríveis, indisciplinados, que a direção conversava com os pais, dava advertência, e mesmo assim não melhorava o comportamento. Então o aluno pegava a transferência”. (Carlos Henrique, 1980).

O Colégio tinha uma disciplina rígida, mas os pais tinham esse conhecimento, e nos davam total liberdade e confiavam nas professoras. “A disciplina era rígida, em comparação com a de hoje, fico pensando as mães tinham total confiança, elas colocavam os filhos na escola e dizia que a professora era a segunda mãe e nos davam total liberdade.” (Edna Gomes, 1970).

## A LEITURA E A ESCRITA

O exercício da escrita se dava de maneira silenciosa, já no estudo do texto era trabalhada a oralidade. A leitura silenciosa permitiu uma introdução do livro no cotidiano das pessoas que, tendo acesso a este, poderia levá-lo para lugares diversos. Esse procedimento de *cantar o texto da lição* se torna cansativo, repetitivo e o barulho ensurdecedor incomodava as crianças. Relata Corrêa. “Um inferno aquela barulheira. Trinta, quarenta, cinquenta meninos gritando coisas diferentes, cada qual esforçando-se em berrar mais alto.”(JULIA, 2001,p. 209).

A prática de “*cantar a lição*” deu ênfase à mudança da leitura oralizada para a leitura silenciosa como nos mostra Frago, baseando-se em Chartier.

A passagem da leitura em voz alta (ou baixa) para a leitura silenciosa ou se preferirmos, de uma leitura oral (por si ou por outros) à visual, é um processo que se amplia nos ‘scriptoria’ monásticos nos séculos XI e XII, e passa desde fins do século XII até os princípios do XIV, os clérigos e universitários e desde meados do século XIV, à sociedade aristocrática. (JULIA, 2001, p. 210).

No Brasil, nos meados do século XIX, era comum nas escolas o uso do método da soletração. Assim testemunha Graciliano Ramos:

A sala estava cheia de gente. Um velho de barbas longas dominava uma negra mesa, e diversos meninos, em bancos sem encostos, seguravam folhas de papel e esgoelavam-se: - um b com a- b.a.: ba: um b com e- b.e.: be. Assim por diante até o u. Em escolas primárias da roça ouvi cantarem a soletração de várias maneiras. (Julia, 2001, 210)

O ritmo da aprendizagem da leitura e da escrita era muito moroso. O domínio do sistema gráfico passava primeiro pela prática sistemática da caligrafia. Algumas crianças precisavam de dois a três anos para ter a propriedade da escrita. Cobrir letras, tracinhos e “pauzinhos” fazia parte da rotina do dia-a-dia da criança. Pode-se confirmar a afirmativa através dos estudos realizados por Vidal e Gvirtz

Se, em meados do século XIX já estavam presentes na escola elementar, algumas condições materiais e metodológicas para a difusão da escrita, ela ainda era objeto de aprendizagem dos alunos maiores, aqueles que permaneciam nos bancos escolares após o terceiro ano de estudo da leitura. (GVIRTZ, 1998, 212)

A prática da leitura se dava de maneira muito dinâmica, relembra Santana,

A leitura tinha dois momentos num primeiro momento, era feita individualmente,(era a leitura silenciosa ) e em outro momento, era pedido para se fazer um coral falado.Primeiro eu pedia para fazer essa leitura, para o aluno ir se inteirando,ir conhecendo o conteúdo, só depois era que se trabalhava as palavras novas, significados depois que se conhecia todo o vocabulário, aí sim, estavam prontos para a compreensão e interpretação do texto. (Euliene, 1973)

Podia-se contemplar no rosto de cada criança a felicidade por participar de uma atividade escrita. A valorização se dava por compreender que já dominava o ato de ler e de escrever.

## ARQUITETURA ESCOLAR

Os missionários norte-americanos, quando chegaram em Sergipe, assumiram a direção de uma escola primária, que no ato da sua fundação recebeu o nome de Instituto Pan Americano, e que funcionava a princípio em uma casa pequena conforme explica Santos:

A escola era pequena. Logo no início funcionava em uma casa uma espécie de sobrado. Uma casa boa! Os quartos foram transformados em salas. A primeira sala foi colocada o infantil, era uma sala enorme, e na outra sala se instalou o pré-primário e os outros quartos foram colocados o 1º, 2º,3º e 4º ano”. (Carlos Henrique 1955).

Ansiosos com essa situação, de não ter um prédio próprio e de acordo com o ideário americano, no dia 21 de outubro de 1961, foi inaugurado o novo edifício da escola, com a presença do governador do Estado, dentre outras autoridades. O Instituto possuía uma arquitetura majestosa com dois pavilhões, seis salas de aula, biblioteca, auditório, gabinete da direção, dois

escritórios, quatro banheiros, cozinha, terraço, cantina e uma área anexa para recreação e a prática de educação física e sala de vigia.

A arquitetura escolar não deve definir um modelo, mas é necessário cumprir uma função pedagógica. Os locais-escolas só deverão ser usados para as aulas. As salas devem permanecer fechadas. Para cumprir seus objetivos, o local-escola não pode ser usado para outras funções sociais como: hospital, presídio, fábrica. A arquitetura escolar pode ser contemplada como suporte de outros símbolos conforme Frago:

O edifício-escola, como se sabe serviu de estrutura material para colocar o escudo pátrio, a bandeira nacional, as imagens e pensamentos de homens ilustres, os símbolos da religião, algumas máximas morais e higiênicas, o campanário e o relógio... Isso expressa toda uma instrumentação da escola a serviço dos ideais nacionais, religiosos e sociomorais. (FRAGO, 1998, p.40)

A arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador como relata Frago

A arquitetura escolar pode ser vista como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende” (FRAGO, 1998, p. 45)

O espaço-escola passa por diversas mudanças. A princípio deixou de funcionar em residência. Posteriormente se fixou em um espaço especializado e desempenhou funções de instrução incluindo elementos reservados à higiene, pátios, bibliotecas etc. Finalmente agrupa no mesmo prédio salas de aula separadas por graus e sexo. Na segunda metade do século XIX, o espaço-escola incorpora os preceitos do higienismo e mais tarde as exigências do conforto e da tecnologia. Para compreender as transformações da escola, deve-se levar em consideração as representações dos profissionais da educação envolvidos nas práticas escolares, tal como concebe Chartier.

Elas são estratégias de pensar a realidade e construí-la. As percepções do social, afirma o autor, não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outras, Por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (SOUZA, 1998, p. 18)

Portanto os questionamentos feitos em relação aos aspectos internos da instituição educativa como: a distribuição do tempo e do espaço escolar, a organização dos programas e as práticas indicam uma mudança na forma de praticar e escrever a história da educação.

## CONCLUSÃO

No ano de 1865, chegou ao Brasil um grupo de imigrantes sulistas norte-americanos que fugiam da guerra de secessão e se estabeleciam em Santa Bárbara, interior de São Paulo; em 02 de março de 1881, chegou ao Brasil o casal de missionários Anne e William Bagby; em março de 31 de agosto do mesmo ano, chegaram a Salvador e fundaram a Primeira Igreja Batista do

Brasil. O movimento do protestantismo histórico deu uma grande contribuição à sociedade brasileira, como: a divulgação de uma pedagogia moderna, a valorização da música pela congregação etc. A maior preocupação dos missionários norte-americanos era a evangelização e a educação. Implantaram colégios nas grandes cidades com grande aceitação pela sociedade, escolas elementares e construíram escolas anexas. Utilizavam métodos novos, salas mistas, calendário adotado fixado em 190 dias letivos, deixando o sábado livre. Em 1913, iniciou-se o internato para o sexo feminino em prédio separado.

Em Sergipe o protestantismo se deu em 1884 quando aqui chegaram missionários presbiterianos norte-americanos. Como parte da estratégia de difusão e implantação daquela religião, dois anos depois de instalarem a primeira instituição educacional protestante do Estado, a Escola Americana, na cidade de Laranjeiras, sendo transferida em 1898, para Aracaju, onde funcionou até o ano de 1913.

Em 1951 foi criado, em Aracaju, o Instituto Pan Americano por um grupo de professores e seu primeiro diretor foi o Prof. Manoel Simeão Silva. A alfabetização estava atrelada ao proselitismo. Fazendo uma representação do cotidiano, observou-se como se processavam essas práticas no século XIX. Com a existência do ideário republicano, que pretendia inculcar novos valores e estimular a formação de posturas corretas e atitudes sábias.

Foram analisados dispositivos que fazem parte da cultura escolar que estimulam e contribuem para uma melhor aprendizagem como: as festas, normas, a disciplina. No século XVI, houve a difusão de um texto que serviu de norma para os colégios europeus. O “Ratio Studiorum jesuíta”. Nesses documentos se encontravam as obrigações a serem cumpridas, as práticas disciplinares, a leitura a escrita e a arquitetura escolar.

Investigar a implantação do protestantismo no Brasil, nos meados do século XIX, foi de extrema importância para mim. Já havia lido, no entanto, nesse momento, pude condicionar tudo em um só documento. Desde o início da implantação do protestantismo, com a presença de presbiterianos, trabalhou-se a chegada dos batistas no Brasil e Sergipe. No segundo momento, foi analisada a cultura escolar desse período e seus dispositivos. Adentrando no interior da escola, podia-se ouvir o clamor por mudanças. Os dias passavam anos após anos, e a rotina da escola continuava a mesma. Castigos, exercícios, lições de tabuada, caligrafia, festas, recreio, pontos, exames, segundo desabafa Corrêa: “Aquela mesma coisa semanas inteiras, meses inteiros. Nada, nada que despertasse o gosto pelo estudo.” (FERRRO, 2000, P. 211)

Não existia um questionamento por parte da sociedade da época e muito menos dos pais quando se referiam aos castigos, às práticas escolares, ao autoritarismo e autoridade do professor sobre os alunos, pelo contrário existia sim uma legitimação conforme, afirmação: “Qual bárbaro qual nada No meu tempo era mais rigoroso do que hoje e ninguém morreu por apanhar. Sem palmatória é que não pode haver ensino”.(FERRO, 2000, p. 212)

Percebe-se que a idéia de castigo para uma maioria ainda tem a preocupação em relação ao modo de como foi aplicado. E para a grande maioria existe uma defesa acompanhada de justificativa. “Criança merece sempre bordoadas. O professor nunca é injusto. Às vezes pensamos que ele castigou demais. É engano. Quando o castigo é demais nesta falta, serve para suprir o que foi insuficiente ou nenhum naquela outra. Bordoada nunca faz mal a ninguém” (FERRO, 2000, p. 217).

As mudanças passam a acontecer como advento da Escola Nova, trazida por Anísio Teixeira e com discussões em relação a determinadas práticas que, ao longo das décadas, prejudicaram a educação. Fazendo uma correlação do ensino (católicos e protestantes), percebe-se que os acatólicos aplicavam nos seus colégios práticas que anos depois os pioneiros da educação nova como Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo lutavam para que esses dispositivos fossem aplicados nas escolas brasileiras.

No novo currículo deveria existir uma preocupação com a introdução de uma metodologia que valorizasse novos experimentos, métodos intuitivos, leitura silenciosa e a

educação física. Era muito importante para o corpo da criança a prática de esportes, os castigos deveriam ser abolidos e no seu lugar o diálogo devia estar presente, a valorização da arte, através da música. A mulher tinha acesso à escola e foi instituída a co-educação, sendo a escola para ambos os sexos. Os protestantes norte-americanos se aliaram aos positivistas, liberais católicos e livres pensadores para defender uma escola de qualidade. No Brasil a luta dos pioneiros da educação foi por uma escola pública, única, laica, gratuita e de qualidade. De forma parecida se deu o pioneirismo dos norte-americanos na aplicação da pedagogia moderna.

## REFERÊNCIAS

COLÉGIO AMERICANO BATISTA. Ata de fundação do Instituto Pan-Americano. 15 de novembro de 1951. Arquivo do Colégio Americano Batista.

ESTADO DE SERGIPE, Resolução nº 97/80 de 17 de junho de 1980. Conselho Estadual de Educação.

ESTADO DE SERGIPE. Resoluções nº 173/83 de 22 de dezembro de 1983. Conselho Estadual de Educação.

ESTATUTO do Colégio Americano Batista. 1996. s.p.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Literatura escolar e História da Educação**: Cotidiano, ideário e práticas pedagógicas. (Tese de Doutorado): Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000

FRAGO, Antonio Viñao e ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Trad. Alfred Veiga Neto. Rio de Janeiro; DP&A, 1998.

JESUS, Edna Gomes de. Entrevista concedida a autora em 27.01.05

JULIA, Dominique. 2001. “**A Cultura escolar como objeto histórico**”. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas: Editora Autores Associadas, Nº 1, Janeiro / Junho. p. 9-43.

PIMENTEL, Israel Pinto. Entrevista concedida a autora no dia 07-09-04.

POMPÉIA, Raul. **O Atheneu**. 2ª ed. São Paulo: Scipione. 1971.

SANTOS, Carlos Henrique. Entrevista concedida em 11/12/04.

SANTANA, Euliene da Silva. Entrevista concedida em 02/02/05.

TELES, Helena. Entrevista concedida à autora em 29/01/05.

WILLIAMS, Clara Lynn. 1971. *Síntese do trabalho batista em Sergipe: 1913-1971*.